



## **“Eu não sou cachorro não”: a transformação do “brega” em arte com elementos de cinema no DVD de Waldick Soriano<sup>1</sup>.**

Izaíra Thalita da Silva LIMA<sup>2</sup>

Tobias QUEIROZ<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é, a partir da presença dos elementos de cinema na produção do DVD comemorativo dos 40 anos de carreira de Waldick Soriano, mostrar como o trabalho de produção do DVD contribui para refletir sobre o caráter pejorativo geralmente atribuído ao gênero musical brega, deixando entrever nesta produção que este é um gênero musical de boa qualidade. Para isso, observou-se a ênfase dada pela produção do DVD à arte cinematográfica ressaltando a partir de seus elementos, o carisma entre cantor e público, a valorização do local do show e elementos da cultura popular que empreendem qualidade à produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; estética; gênero brega; gosto; comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

Música de ‘mau gosto’ e ‘cafona’. Estas são algumas das relações que socialmente se faz ao mencionar o brega enquanto gênero musical. Mesmo distante dos holofotes da grande mídia, o brega é um gênero que rende muitas vendas para a indústria fonográfica do Brasil, onde seus intérpretes são sucesso nas camadas mais populares. Dentre estes, destaca-se Waldick Soriano que recebeu o estigma de cantor brega em quarenta anos de carreira, e em 2007 teve lançado um DVD comemorativo produzido pela atriz Patrícia Pillar, uma admiradora de suas composições e interpretação.

Mesmo sendo um gênero que carrega inúmeros preconceitos, a idéia que as pessoas fazem de Waldick Soriano, mostradas no vídeo e em caráter de depoimento, reforça o carisma que o cantor tem ainda nos dias de hoje com seu público, demonstrando que este público se identifica com seu trabalho. Também os elementos do cinema empregados na produção são investidos para atrair o espectador a conhecer

---

<sup>1</sup> - Trabalho apresentado na Sessão Comunicação audiovisual da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> – Aluna do 4º semestre do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na UERN.

<sup>3</sup> – Professor Especialista do curso de Comunicação Social da Uern. Email: tobiasqueiroz@uern.br



a história do cantor. O DVD de excelente qualidade audiovisual nos encaminha para a discussão em torno do que se classifica como “bom ou mau gosto”.

Já diz o ditado popular que “gosto não se discute”. Esse ditado pode ser aplicado às preferências musicais. Neste caso, vários autores vão reforçar a ligação do gosto com as experiências e as emoções de cada um. No caso do gênero brega, poucas são as publicações e estudos que o colocam como um gênero de boa qualidade musical, embora tenha em sua sonoridade variedade instrumental, característica identificada, por exemplo, na música erudita.

Instrumentos de cordas, metais e de percussão fazem a sonoridade mais característica do brega e são fundamentais na música instrumental clássica. Para Justus (2004, p. 23) a qualidade pode ser empreendida na música erudita ou popular. Para ela, ouvir com inteligência nos leva ao encontro da qualidade na música, seja ela erudita ou popular. “O verdadeiro amante da música ama todas as suas manifestações, antigas, modernas, populares porque o seu parâmetro é sempre a qualidade”.

Com relação aos elementos do cinema na produção do DVD, esses são vistos como uma tentativa de transpor a quem assiste, uma idéia de *realidade*<sup>4</sup>. O DVD é um show comemorativo da carreira do cantor Waldick Soriano, porém, não centraliza puramente a imagem no cantor. O trabalho destaca a relação deste com seu público que é apresentado não como coadjuvante, mas como verdadeiro protagonista ao lado do cantor. Isso é percebido no vídeo com a participação do público durante o evento através das canções, da dança, do gestual. Tais elementos, ao mesmo tempo em que enriquecem o conteúdo audiovisual reforçam o carisma do cantor brega que, mesmo estereotipado pelo gênero, tem seu trabalho reconhecido como de boa qualidade pelo seu público.

A pesquisa tem como fundamento teórico os conceitos usados pela estética sobre o *bom gosto* e o *mau gosto* a partir dos estudos de Montesquieu (2005) e de Hanslick (1989) sobre o belo na música. Trata também, e mais especificamente, da noção de gênero musical (JANOTTI JR., 2003), e de música brega (CABRERA, 2007). Tais noções são aplicadas aqui para caracterizar o gênero musical brega e a noção de gosto musical que são ressaltados como elementos positivos trabalhados no DVD em análise.

Da mesma forma, para entender o olhar de cinema dado ao DVD do cantor, o texto

---

<sup>4</sup> – Realidade neste caso refere-se ao termo usado por Bernadet (1985) para mostrar que o cinema precisa ser convincente e que esta arte trabalha com a produção de sentidos, a partir da imagem.



traz o conceito do que é cinema, defendido por Bernadet (1985) e que nos permite entender os mecanismos cinematográficos usados na produção, associando as imagens do DVD aos conceitos do autor.

Para a produção deste artigo recorreremos a vários autores, sobre a vida do cantor e sobre o gênero musical brega, para entendê-lo em meio a tantos outros gêneros musicais existentes no país. Utilizamos ainda de artigos opinativos de revistas, suporte digital e de depoimentos dados pela própria diretora do DVD, Patrícia Pillar sobre o gênero brega e sobre suas intenções com o DVD produzido.

## 1 A definição do gênero musical brega

O “mundo da moda” ou *fashion* foi que mais popularizou o termo brega para identificar as pessoas “deselegantes” e “cafonas”, ou seja, aquelas que não se enquadravam nas regras, utilizando sempre do excesso e da extravagância. O sentido atribuído ao brega passou a representar também algo de qualidade inferior ou alguém que possui um mau gosto no vestir e nas atitudes.

Em “Dicionário Brasileiro de Insultos”, (ARANHA, 2002, p. 60) o termo brega está entre as palavras de significado pejorativo e teria, no Brasil uma origem, no mínimo, curiosa.

**Brega:** de mau gosto, de baixo nível. Consta que a palavra teve origem em Salvador, mais propriamente numa área urbana de baixo meretrício onde uma placa indicando a rua Padre Manuel da Nóbrega teve gasto o letreiro, sobrando apenas as duas últimas sílabas. Aplica-se a pessoas que se mostram sem elegância, que exibem mau gosto.

Apesar de não se ter certeza de que esta tenha sido a origem do termo, não é de surpreender que tudo que traga o nome brega acabe recebendo o mesmo pré-julgamento que vem sendo convencionado ao longo das décadas pela própria sociedade, atribuindo a um grupo de pessoas, ou a uma forma de se vestir e até mesmo a músicas, o sentido negativo do ser ‘brega’.

A música popular brega não tem na mídia os mesmos espaços do que os ocupados por outros gêneros musicais. Mesmo assim, mantêm-se como forte produto comercial e, mais ainda, passou de um estilo de vida antes completamente ignorado ou levado a uma condição de inferioridade a uma posição assumida de maneira espontânea e despojada pelos consumidores e produtores deste gênero musical.

Para entender o brega, (como e quando ele se consolidou) como gênero é preciso recorrer ao significado do conceito de gênero musical. Janotti Jr. (2003) fala sobre a



importância do gênero musical para a análise da música popular massiva e explica que o gênero é uma pré-figuração dada aos diferentes tipos de música especialmente pela indústria fonográfica, com o intuito de direcionar essas produções musicais ao consumidor potencial. Este conceito pode ser atribuído a todo e qualquer gênero musical desde os mais lucrativos para a indústria cultural aos outros que dela fogem. Ele afirma ainda que estes gêneros, também estão sujeitos ao julgamento de valor que perpassa esse consumo musical.

Com o brega não é diferente. A música tem caráter romântico e uma batida sonora que mistura elementos, e instrumentos que a tornam identificáveis pelo seu público consumidor. Também há uma caracterização própria que facilita a identificação dos intérpretes com o estilo musical. Neste aspecto Janotti Jr. mais uma vez nos esclarece; O que define um gênero é também um conjunto de elementos que ajudam a compreender e identificar a estética da música popular massiva, onde além da linguagem, estão presentes, ainda a ‘performance’ do intérprete, o ambiente musical em que o público a encontra, as expressões corporais, a maneira como se veste, enfim, um conjunto que faz parte da comunicação do público e intérprete com o seu gênero musical. Há então, uma produção de sentidos que promove o julgamento estético e rituais que são partilháveis entre cantores e seu público. Ele reforça isso quando diz: “A performance define um processo de produção de sentido e conseqüentemente, de comunicação, que pressupõe regras formais e ritualizações partilhados por músicos e audiência”, (2003, p.38).

Apesar de sempre ser colocado à margem entre os gêneros musicais, há os que defendem que o brega - mesmo que por anos seja sinônimo de música sem qualidade - vem passando por mudanças e até transformando-se, recentemente, em música “cult” dos dias de hoje. Cabrera (2007) afirma que os artistas populares criticados por uma parte da elite intelectual no passado, são hoje reverenciados. Uma prova disto, são as sucessíveis regravações de canções bregas por cantores que atendem ao público mais “intelectual” como é o caso de Marisa Monte, Caetano Veloso, entre outros. Este último passeia pelo gênero com gravações de músicas bregas em seus álbuns como no LP “Cores” em 1982, regravando “Sonhos” de Peninha. Em 2001 no seu disco “Noites do Norte”, gravado ao vivo de um dos seus shows chegou a cantar o refrão de um funk carioca (“...um tapinha não dói, um tapinha...”) e em 2006 uma canção de Odair José reconhecido cantor brega “Você não me ensinou a te esquecer”. No caso de Caetano



seria uma demonstração de que este teria, desde a sua exposição no mundo da música, adquirido uma certa aura de intelectualidade que o exime de qualquer clichê.

Para o autor, praticamente todos os cantores bregas que marcaram os anos 70, 80 e 90 ainda mostram sua força neste começo de século e já conquistam as novas gerações dentre desse público potencial. O gênero brega sempre foi relacionado a produções musicais que eram mais próximas do povo e que estariam do lado oposto as produções de público intelectualizado. Nos anos 50 e 60 uma boa parte das produções musicais que não faziam parte da Tropicália, da MPB ou que não pertenciam a um público mais intelectual eram facilmente rotuladas com termo brega ou “de baixo nível” ou ainda ‘cafona’. Por isso, havia muita relação dos cantores da Jovem Guarda no seu início de carreira com o brega, como foi com cantores, como por exemplo, Roberto Carlos, Eduardo Araújo e Wanderléia.

Se buscarmos as origens do gênero, podemos encontrar em outras publicações, que o brega pode ter surgido muito antes, na década de trinta com as conhecidas músicas românticas, ‘as serestas’, inspiradas em ritmos como os boleros, de letras românticas de arranjos simples, mas de grande musicalidade instrumental e que teve ícones como Vicente Celestino, Orlando Silva, Francisco Alves, Nelson Gonçalves e Lupicínio Rodrigues. No entanto, as músicas eram essencialmente românticas e naquele contexto, ainda não recebiam o rótulo de bregas ou cafonas.

A partir de meados de 50 e início dos anos 60 com a ampla produção de outros gêneros musicais como o ‘Rock’n Roll, a Bossa Nova (que surgiu nos anos 50) e a Tropicália que traziam para si termos como “música da juventude” ou ainda “música culta” (no caso da Bossa Nova) e “movimento musical” (para a Tropicália) é que as músicas românticas foram sendo tidas como ‘cafonas’ e bregas.

## **2 Sobre o ‘mau gosto’**

Geralmente ao se falar de música esta acaba sendo incluída na lista de temas que não se pode discutir, pois seria, então, uma questão de gosto. O brega que sempre foi rotulado como algo negativo, de mau gosto, acaba, portanto, sendo relacionado de uma maneira generalizada como uma preferência dos que não sabem fazer a diferença entre uma boa música e uma música ruim.

Caldas (citado por JOFLY, 1999, p. 43) critica o rótulo do “mau gosto” quando atribuído de baixa instrução:



Costuma se atribuir às pessoas incultas uma estética de mau gosto, nunca racionalmente explicável...acreditar no maniqueísmo de que quanto mais culto, mais próximo do ‘bom gosto’ e quanto menos culto, mais próximo do ‘mau gosto’ é assumir um estilismo muito perigoso. É sobrepor a cultura erudita à cultura que nasce do povo, à sensibilidade humana, quando, na verdade, elas se completam.

Antes de concordar ou discordar de Caldas, pensar sobre o que determina o gosto de alguém é ir mais além e buscar o pensamento do filósofo francês Montesquieu em que, na busca por uma definição mais geral do gosto, afirma que “gosto é aquilo que nos liga a uma coisa por meio do sentimento, o que não impede que ele possa aplicar-se as coisas do intelecto”, (2005, p.17). A sensibilidade é, para o filósofo, um dos itens fundamentais para determinar o nosso gosto por algo, ou seja, as relações de prazer ao se ter contato com determinada experiência que nos agradou é fundamental para influenciar o gosto por determinada obra de arte, ou música.

A questão do gosto também pode ser discutida a partir do conceito de belo. Para isso recorreremos as idéias de HANSLINK (1989) em que ele se mostra contrário a idéia de que o belo na música, que também passa pelo que venha ser “o bom gosto na música”, pode ser representado apenas pelo sentimento. Para o autor a relação de uma peça musical com os sentimentos provocados por ela não é, contudo, necessariamente causal, mas depende das experiências vividas por cada um:

A relação de uma peça musical com os sentimentos provocados por ela não é, contudo, necessariamente causal, mas esse estado de espírito se modifica conforme o variável ponto de vista de nossas experiências e impressões musicais (1989, p.22).

Logo “o mau gosto” atribuído ao brega é muito mais relacionado ao público – e aí inserimos os fatores sócio-econômicos desse público consumidor – do que uma análise da qualidade musical deste gênero.

### **3 O intérprete Waldick Soriano**

Ao se falar em música brega no Brasil imediatamente alguns nomes surgem como ícones desse gênero musical. Waldick Soriano é um deles.

Araújo (2005), fala sobre a música brega no Brasil fazendo uma relação do preconceito a intérpretes do gênero com o momento político do regime militar. Ele afirma na sua obra que os cantores Odair José e Waldick Soriano estão entre os intérpretes que sempre venderam muitos discos. Tanto que o livro, resultado de sua



pesquisa foi intitulado "*Eu não sou cachorro, não - Música popular cafona e ditadura militar*" numa referência a este cantor e sua música de maior sucesso.

Waldick Soriano, segundo Araújo (2005) é um dos exemplos de cantores que sofreram com a censura imposta pela ditadura aos artistas, tendo sua música "*Tortura de Amor*" censurada em 1974, quando foi por ele reeditada. Apesar de ser uma composição de 1962, o regime não tolerava que se falasse a palavra "tortura".

Nascido em Caetité, interior da Bahia teve infância pobre e vida humilde. Foi garimpeiro, lavrador, sanfoneiro e ainda menino, assistiu ao faroeste "Durango Kid" de quem virou fã, passando, anos depois a incorporar a figura do justiceiro de roupa e chapéu pretos. Sua influência musical vem de cantores como Orlando Silva, Nelson Gonçalves - que quando morreu já era seu amigo - e Lupicínio Rodrigues. De lá de Caetité, saiu no final da década de 50 em busca de uma oportunidade para vencer como cantor, o que conseguiria em São Paulo quando sua voz ressurgiu no rádio com o sucesso: "Quem és tu/ Para querer manchar meu nome?".

Um dos seus principais maestros, que musicou as letras compostas pelo cantor, foi o maestro pernambucano Guerra-Peixe<sup>5</sup>: músico dedicado, de formação acadêmica e erudita, autor de livros sobre música popular especialmente sobre manifestações do folclore brasileiro como o Maracatu pernambucano. César Guerra Peixe, filho de imigrantes portugueses de origem cigana, nasceu em Petrópolis no dia 18 de março de 1914 e passou a conhecer o folclore brasileiro como poucos, ganhando sua música uma nova dimensão a partir do estudo de ritmos nordestinos como o maracatu, coco, xangô, frevo.

Guerra-Peixe seria uma prova de que em termos de instrumental, as músicas bregas de Waldick Soriano possuem qualidade. O maestro fez o arranjo de muitas músicas do cantor nos anos 70, entre elas "Perfume de Gardênia" e "Tortura de Amor", ambas do LP do cantor de 1968. Sobre isto, Patrícia Pillar diria em entrevista ao Portal Terra:

Durante o processo de pesquisa para o documentário, achei que deveríamos fazer um grande show para registrarmos. Além de imagens para o documentário, esse show que aconteceu em Fortaleza, rendeu esse CD ao vivo e o DVD. Já tive uma experiência como produtora e resolvi fazer mais uma vez. O disco reúne os principais sucessos de Waldick, como 'Tortura de Amor', 'A Carta', e a 'Dama de Vermelho', além de arranjos belíssimos do maestro Guerra Peixe". (PORTAL TERRA, acesso em 10/01/2008)

---

<sup>5</sup> – Biografia do maestro Guerra Peixe está disponível em artigo referenciado neste trabalho.



Hoje, aos 74 anos, Waldick Soriano não deixou de realizar shows levando ao seu público, canções que fizeram sucesso de sua carreira. Em uma entrevista dada recentemente ao Portal Terra, quando perguntado se concordava em ser rotulado como cantor brega respondeu:

Concordar, a gente não concorda. Porque "brega" é usado para falar de casa de prostituição. Nesses lugares, as pessoas ouvem música romântica, mas não só nos bregas. Faço música romântica, as pessoas gostam disso. (PORTAL TERRA, acesso em 10/01/2008)

Em 2006 Waldick Soriano foi procurado pela atriz Patrícia Pillar que se mostrou interessada em produzir um documentário contando a sua história. Da idéia central surgiu a de produzir um DVD comemorativo dos quarenta anos de carreira, produzido pela atriz que emprestou a sua experiência em televisão e cinema a este trabalho, resultando num produto de ‘bom gosto’, a começar pela participação de uma orquestra (ver anexos), contrariando o estigma dado ao gênero brega.

#### **4 Um olhar de cinema no DVD de Waldick Soriano**

A simples idéia de lançar um DVD trouxe à tona para o cantor toda a série de preconceitos inerentes ao gênero musical brega desde a sua origem. Isso fica explícito em várias entrevistas concedidas pelo cantor e pela produtora do DVD, Patrícia Pillar sobre ‘os porquês’ dessa iniciativa, como se não cabesse ao gênero brega um espaço nesse mercado. Surpreendentemente para os que tinham essa idéia, o DVD está entre um dos mais vendidos de grandes lojas de departamentos a um custo nada ‘popular’. Enquanto muitos cantores do gênero, por exemplo, Rock Pop que tem muitos dos seus DVDS vendidos ao preço máximo de trinta reais, o DVD de Waldick não sai da prateleira por menos de quarenta reais. No início de 2008 várias lojas já haviam esgotado o estoque do produto que era disponibilizado com uma certa dificuldade, em sites de compras da Internet.

Um dos fatores desse respaldo positivo está no trabalho realizado sob a direção de Patrícia Pillar. Ela usou elementos de cinema para mostrar no DVD de Waldick Soriano o seu carisma enquanto cantor diante de um público fiel que o acompanha durante esses anos de carreira.

BERNARDET (1985, p.13) explica que um dos elementos próprios da linguagem do cinema é o de colocar a “realidade” na tela. Essa realidade, para o autor, significa





dizer que a imagem seja convincente, quase inquestionável. Ele diz: “No cinema, fantasia ou não, a realidade se impõe com toda força”.

Ainda discorrendo sobre o cinema e de como esta arte exerce a sua influência sobre o sentido do ‘real’, recorremos a Duarte Júnior (1990) quando ele fala que a construção do mundo que conhecemos como sendo real deriva da linguagem que empreendemos. Para o autor, a nossa percepção deriva-se da linguagem que usamos e neste caso, a palavra percepção é, não apenas, o sinônimo de compreensão, mas também o conjunto dos nossos sentidos: audição, visão, olfato, tato e paladar. Estes sentidos são ‘educados’ culturalmente e linguisticamente e acabam interferindo na nossa sensação de realidade. Neruda traduziria isso ao dizer em um dos seus poemas: “De repente, os olhos são palavras”.

Por isso, ao vermos uma forma circular sobre uma mesa, interpretamos essa linguagem como sendo um prato, mesmo que hoje existam outros formatos de pratos. Os pintores sempre usaram dessa linguagem visual para se comunicar com seu público. O cinema também faz isso através das imagens.

“O ser humano, num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos lingüísticos os preponderantes e básicos na edificação deste mundo, na construção da realidade. Como afirmou o filósofo Ludwig Wittgenstein, “os limites de minha linguagem denotam os limites do meu mundo”... Assim o real será sempre um produto da dialética, do jogo existente entre a materialidade do mundo e o sistema de significação utilizado para organizá-lo” (Duarte Júnior, 1990, p.27).

O cinema tem uma capacidade de nos transferir para uma outra realidade. Por mais que não o misturemos com o mundo que vivemos, nos entregamos à realidade construída da tela gigante - no caso do cinema - por alguns minutos. Imagine se esta sensação puder ter um ‘fundo de verdade’, contando a trajetória de alguém que realmente existe, com pessoas que foram filmadas em condições ainda mais espontâneas? A sensação de realidade certamente, passa a ser ainda maior.

No início do DVD de Waldick Soriano a diretora busca essa relação com a realidade, a partir do público do cantor e até mesmo, a partir do local onde foi feito o show: o Cine São Luiz, em Fortaleza (CE).

As primeiras cenas mostram a fachada do prédio do cinema São Luiz que se mantêm original desde a sua inauguração em 1939, onde, no lugar do filme em cartaz está o



nome: “Show de Waldick Soriano”. Depois surge o funcionário do cinema pregando o cartaz do Show no espaço reservado ao cartaz do filme de destaque. (Anexo 1).

Mais adiante, o carro de som improvisado em um carro pequeno de passeio anuncia o show como se faz nas cidades do Nordeste, outra relação com a realidade. O público faz fila para a compra do ingresso e enquanto esperam, cantam canções como ‘Tortura de Amor’, ‘Dama de Vermelho’. (Anexos 2 e 3).

Durante o show, enquanto o cantor Waldick Soriano canta, a câmera se volta para o público: homens e mulheres dançam, gesticulam e se emocionam com as letras cantadas. Uma fã sobe o palco e joga pétalas de flores no cantor. (Anexo 4). Até o final do DVD há a clara intenção de mostrar o quanto público e cantor sentem prazer com aquela experiência.

A diretora utiliza, dessa forma, elementos positivos dessa relação de emoção do público com o cantor deixando-a ainda mais forte. Geralmente em outros DVDs musicais, o foco maior é dado aos músicos e cantor, onde o público é mero coadjuvante. Nesta produção em especial, o público está a todo o momento sendo mostrado pelas câmeras e faz parte do *show* como protagonista juntamente com o cantor, numa participação que dá sentido ao trabalho.

As imagens captam na espontaneidade, o sentimento do público. Carrasco (2003) dirá que a música provoca tantas sensações que o discurso, as palavras, jamais são suficientes para expressar o quanto significativa é aquela experiência musical. Para ele, o cinema consegue se harmonizar à música por que ambas são artes, manifestações temporais e se desenvolvem em um ritmo.

“A possibilidade de associação entre música e movimento é algo sempre presente. Esse é um dos motivos pelo qual a proliferação de manifestações, nas quais o movimento audível e o visível ocorrem simultaneamente, é tão grande e variada... A música continua a ser para o movimento visual um fator de articulação”. (Carrasco, 2003, p.25, 26).

Ao final do DVD de Waldick Soriano, a música que encerra é uma mensagem aos que duvidam da qualidade do gênero musical brega. ‘A Voz do povo é a voz de Deus’ encerra o show, propositalmente escolhida para o final, deixa a mensagem de que quarenta anos de carreira com músicas que são partilhadas por gerações, se deve mesmo a força conquistada junto às camadas mais populares, ao seu público ‘fiel’. A diretora Patrícia Pillar também em entrevista ao Portal Terra disse:



Estamos resgatando um artista que tem várias pérolas da nossa música popular e que, sem razão, sempre viramos as costas. Comecei primeiro com a história do documentário, que está em fase de conclusão. Aí dirigi show que virou o CD e DVD. Enfim, estou juntando os caquinhos de um cantor e compositor que tem mais de 500 músicas, que falam de amor perdido, rasgado, de humilhação. Quero passar a biografia dele para frente. (PORTAL TERRA, acesso em 10/01/2008 )

No dia do lançamento do DVD de Waldick Soriano no Rio de Janeiro, uma platéia superlotou o Armazém Digital do Rio Design Center, no Leblon, Zona Sul da cidade, reduto onde o gênero brega anos atrás, jamais seria aceito.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O gênero musical brega é marcado pelo preconceito de música para quem não tem “bom gosto”. Seus intérpretes possuem pouco espaço na mídia e independente disto, agradam ao seu público, sendo sucesso de vendas da indústria fonográfica.

Por causa do estigma de música de “qualidade ruim” muitos dos cantores deste gênero acabam tendo o seu trabalho posto num nível musical de inferioridade, mesmo que na maioria deles, haja presença de um instrumental diversificado.

Percebe-se também que há o preconceito à este gênero musical pelo vínculo que ele mantém com a classe social que a consome, caracterizando a divisão de classes sociais existentes no Brasil, também a partir da música.

O DVD de Waldick Soriano comemorativo aos seus 40 anos de carreira como cantor brega acaba surpreendendo aos que compartilham desse estigma social, pela qualidade dada à produção feita por Patrícia Pillar, que usou de elementos de cinema ressaltando o carisma do cantor com seu público e toda a emoção que suas músicas provocam ainda hoje, em várias gerações de admiradores.

Como já citamos anteriormente no texto, o DVD alcança público diversificado e não está restrito a camada popular. Um exemplo disto é o preço a que o produto está sendo disponibilizado nas lojas.

Com certeza, não foi apenas o gesto de Patrícia Pillar que deu qualidade ao gênero brega, ou mesmo os elementos de cinema que ela usa, mas o próprio conjunto de informações ou elementos estéticos que o estilo brega oferece para ser explorado como arte, entre eles, a relação com seu público, encontrando assim, um amplo espaço no mercado consumidor. Diante disto, vale a sugestão de que analisemos o gênero brega



não com a visão preconceituosa de música inferior. Mas, aberto a possibilidades de conteúdo que ele pode acrescentar enquanto experiência musical.

---

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo César. **O autoritarismo na historiografia da música popular brasileira**. Revista Eco-Pós/UFRJ – Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação – Vol.6, n. 2 (2003) – Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2003.

ARANHA, Altair J. **Dicionário Brasileiro de Insultos**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BERNADET, Jean-Claude, 1936 - **O que é cinema** – São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985. (Coleção primeiros passos; 57)

BUTCHER, Pedro. **Cinema brasileiro hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005. – (Folha Explica).

CABRERA, Antônio Carlos. **Almanaque da Música Brega**. São Paulo: Matrix Editora, 2007.

CARRASCO, Ney Sygkhronos. **A Formação da Poética Musical no Cinema** – São Paulo: Via Lettera: Fapesp, 2003.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é realidade** - São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 7 edição, 1990. (Coleção primeiros passos; 115)

EINSENSTEIN, Sergei. **O Sentido do Filme**/Sergei Eisenstein; apresentação, notas e revisão técnica, José Carlos Avelar; tradução Teresa Ottoni – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Música, identidade e tradição: Guerra Peixe e os maracatus**. Anais Eletrônicos do II Encontro Nacional da ABET: Etnomusicologia- lugares e caminhos, fronteiras e diálogos. Salvador: ABET, 2004.

HANSLICK, Eduard. **Do Belo Musical: uma contribuição para a revisão da estética musical**. Tradução de Nicolino Simone Neto\_\_Campinas: Editora UNICAMP, 1989.

JANOTTI JR, Jeder. **À procura da batida perfeita: a importância do gênero musical para a análise da música popular massiva**. Revista Eco-Pós/UFRJ – Pós graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação – Vol.6, n. 2 (2003) – Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2003.

JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** São Paulo: Senac, 1999.



JUSTUS, Liana. **Formação de platéia em Música**/ Liana Justus, Clarice Miranda. – São Paulo: Arx, 2004.

MENDES, Oswaldo. **50 anos de Bossa Nova**. Rio de Janeiro : Copypress. 2007.

MONTESQUIEU, Charles de Secondart, Baron de, 1689-1755. **O gosto**. Tradução de Teixeira Coelho, \_São Paulo: Iluminuras, 2005.

PEIXE, Guerra. **Maracatus do Recife**. 2. ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1980 [ 1955].

**Uma breve história da cafonice sonora**. Disponível em:

[http://cliquemusic.uol.com.br/br/Resgate/Resgate.asp?Nu\\_Materia=3760](http://cliquemusic.uol.com.br/br/Resgate/Resgate.asp?Nu_Materia=3760), Acesso em 13/01/2008 às 19h00

**Waldick Soriano: "Sou da universidade da vida"**. Disponível em:

<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2049667-EI6596,00.html>; Acesso em 10/01/2008.

## MATERIAL AUDIO-VISUAL

**Waldick Soriano ao Vivo**. Direção: Patrícia Pilar. Anima I Produções Artísticas LTDA. Gravado em novembro de 2006, disponível em 2007.

## ANEXOS

Imagens do DVD de Waldick Soriano sob direção e produção de Patrícia Pillar:



1 - Cartaz no Cine São Luiz



3 - Compra do ingresso, fãs cantam



2 - Carro de som anuncia o show



Pipoqueiro e fachada do Cine São Luiz Fortaleza



Fila antes do Show



Show no Cine São Luiz



4 - Casais dançam as músicas



5 - Fã joga pétalas de flores no cantor



## Instrumentais - Orquestra



Acordeon

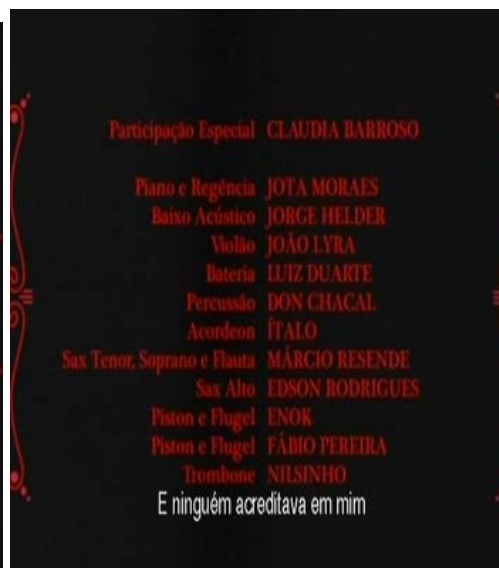


Violão-celo

## Créditos - Direção e Produção do DVD



Piano



Músicos e convidados